

Por Mabel Teles

Em 2011, o autor Marcelo da Luz publicou o livro *Onde a Religião Termina?*, obra considerada “megagescon” pelo prof. Waldo Vieira e um dos *best sellers* da Editares. Marcelo é natural de Queimados-RJ e viveu junto à família até os 16 anos, quando ingressou em um seminário da Ordem dos Franciscanos Conventuais. Estudou Filosofia na PUC-RJ, graduou-se em Teologia na *Pontificia Facoltà San Bonaventura* (Roma, Itália), vindo a se especializar nesta mesma área na *Washington Theological Union* (Washington, DC, USA). Foi ordenado sacerdote no dia 24.10.1994. Viveu e trabalhou em várias cidades do país, atuando na condição de conselheiro espiritual, professor de espiritualidade cristã, pregador de retiros e reitor de seminário. Em 30.08.2003, visitou pela primeira vez o CEAEC, momento a partir do qual passou a fazer balanço da própria vida. Consolidou a maxidissidência no dia 08.10.2004, após um ano de séria autopesquisa. Ao deixar o convento, mudou-se imediatamente para Foz do Iguaçu, onde se tornou voluntário e professor de Conscienciologia. Atualmente, Marcelo é o Coordenador Geral da Uniescon, professor itinerante da *Reaprendentia* e membro do Conselho Editorial da Editares. Nesta entrevista, conheceremos um pouco mais sobre o autor e o processo redacional da obra.

1. *Por que você escolheu a carreira do sacerdócio? Quais foram os benefícios pessoais desta escolha?*

No meu caso, houve o empuxo do ciclo multissecular de vidas pretéritas, fato condicionante à automimese. Neste contexto, foram dois os elementos de atração para o sacerdócio: a vida voltada para a “transcendência” e a possibilidade de assistência aos semelhantes. Estes dois ingredientes eram, no meu ponto de vista, a essência da vida religiosa consagrada.

2. *O que o levou a decidir pela maxidissidência religiosa?*

Embora admitisse alguns limites e incoerências ínsitos à vida religiosa profissional, honestamente ainda pensava ser esta o mecanismo “menos pior” para o exercício da assistencialidade. Contudo, a vivência do abertismo (ainda, é claro, dentro do holopensene religioso, com abordagens mais ecumênicas e inclusivas, além do questionamento intelectual) especialmente nos últimos 10 anos da minha carreira eclesiástica, prepararam-me para o encontro com o paradigma consciencial. Ao acessar a Conscienciologia, imediatamente comecei a suspeitar que o meu entendimento básico sobre a “transcendência” e a “assistencialidade” estava completamente equivocado. Até aquele momento, identificado à “vocação” de sacerdote católico (supostamente o papel de ser “ponte” entre a vida humana e a extrafísica), eu interpretava a questão mais prioritária possível (a consciência) a partir de nebulosas crenças mitológicas. A pesquisa conscienciológica me levou à admissão do parapsiquismo e da possibilidade da experiência direta e lúcida da vida extrafísica, além da necessidade de nova abordagem assistencial, pautada no esclarecimento e não mais na consolação. Assim, aquilo que acreditava ser o sentido da vida (vivência da transcendência e da

assistencialidade) foi redimensionado em escala exponencial. Vi-me, portanto, diante da tarefa de operar profunda recéxis.

3. *Em quais temas da Conscienciologia você tem maior afinidade ou interesse? Você tem noção da sua especialidade Conscienciológica prioritária?*

Com base no exposto anteriormente, a Descrenciologia aparece como a minha especialidade conscienciológica prioritária. Tenho maior afinidade com os temas ligados às áreas da Recexologia, Assistenciologia, Mentalsomaticologia, Parapedagogia e Consciencioterapia.

4. *Ao longo da sua vida, como tem sido o seu desenvolvimento intelectual, polimático?*

Tive aportes muito importantes. Mesmo modestos, meus pais sempre fizeram o melhor possível para que eu me mantivesse na escola com todo material didático necessário. Sempre tivemos muitos livros e revistas em casa. Durante a escola fundamental, construí excelente base para a utilização do vernáculo com a ajuda de um dos melhores professores que pude encontrar nesta vida. Depois, veio a formação no seminário. Meu itinerário multissecular na vida religiosa foi construído dentro da linha mais intelectualizada da Igreja. Nesta vida, porém, acabei ingressando em uma instituição que não priorizava muito o estudo. Por esta razão, durante a maior parte da carreira religiosa, exercitei autodidatismo, inclusive na aquisição de outros idiomas. Contudo, as oportunidades de conhecer novas comunidades dentro e fora do país ampliaram bastante meu relativismo sobre os dogmas e a tradição. Dos estudos feitos, a parte filosófica foi a mais importante. A filosofia não soluciona nenhuma questão relevante para a consciência, mas tem função propedêutica. Oferece ferramentas para a linearidade de pensamento e rigor crítico nas investigações. Por outro lado, a “poesia teológica” (assim denomino atualmente o estudo da teologia e espiritualidade cristãs) ocupou a maior parte deste período e me fez perder muito tempo. Hoje, tento reconstruir o currículo a fim de me encaixar melhor no mundo adulto da vida profissional, que envolve competitividade e alguns atributos nos quais sou jejuo. Quanto à autoformação continuada, além do interesse pelo parapsiquismo, a pesquisa e docência conscienciológicas me levam a mapear uma série de áreas de conhecimento sobre as quais preciso saber mais, a fim de ampliar a Cosmovisiologia.

5. *Quais técnicas você aplicou para escrever o livro Onde a Religião Termina?, publicado em 2011? Qual foi o seu maior gargalo? E a sua maior facilidade?*

Escrever este livro foi uma verdadeira odisseia. Desde o momento em que me deparei com os desafios da pesquisa conscienciológica, soube que a redação desta obra era prioridade prioritária. Durante cinco anos (meus primeiros cinco anos de conscienciólogo), trabalhei no plano do livro e na revisão bibliográfica. Mas com os enormes esforços despendidos na lida pela sobrevivência (deixei o sacerdócio aos 37 anos, sem diplomas válidos para recomeçar uma carreira acadêmica), tinha muita dificuldade de encontrar espaço mental e o mínimo de condições intrafísicas para materializar um livro deste porte. Durante este período, passei por situações muito difíceis, inclusive subemprego, desemprego e doença grave. Paguei o preço da minha própria inexperiência e teimosia em determinadas situações. Mesmo com todo distanciamento conceitual em relação ao misticismo, percebi o quanto alguns traços tão valorizados na vida religiosa, a exemplo da ingenuidade, submissão e credulidade – expressões de subinteligência – ainda apareciam como estruturas profundamente arraigadas nos subterrâneos da minha manifestação consciencial. Contudo, apesar da

dificuldade envolvida, todo este tempo foi útil no sentido de trazer amadurecimento e um pouco mais de lucidez quando ao desafio mais profundo da recin. Assim, concluído este período de cinco anos, e encontrando-me ainda sob a pressão de muitas demandas ligadas à sobrevivência material, apliquei a técnica da imersão para redigir o texto. Um casal muito querido de amigos ofereceu-me um quarto de seu modesto apartamento para que esta imersão fosse possível. Durante dois meses (exatamente os dois meses de recesso letivo), afastei-me deliberadamente de qualquer outro compromisso para redigir o livro. Sabia que estava tudo ali comigo: o ciclo milenar de vidas dentro do holopense religioso, a teática desta vida atual, os aportes do Curso Intermisso, a amizade raríssima de amparadores intra e extrafísicos e toda pressão dos assediadores e guias cegos empenhados em abortar este trabalho. Disse a mim mesmo: “sairei daqui apenas quando terminar o livro”. Quando comecei esta etapa definitiva, possuía apenas o esboço inicial de duas seções do livro atual. O aperfeiçoamento destas duas seções e todo o restante do livro foram escritos em um cômodo de 1,80 m X 1,20 m, sem refrigeração, durante o verão inclemente de Foz do Iguaçu. Foram necessários três meses de trabalho. Meu tempo, durante o último mês, teve de ser dividido com o emprego em duas escolas. No exercício desta técnica, utilizei a meu favor os aportes oriundos das vidas pretéritas em monastérios. Não gostaria de repetir isto e não penso que esta técnica seja adequada para todos. No entanto, foi preciso fazer orçamento realista de todos os aportes e recursos disponíveis, nada desperdiçando a fim de que o manuscrito fosse concluído. Pude fazer desta maneira porque o problema, no meu caso, não era “aprender” a escrever. Sou escritor nato, tenho facilidade para a tarefa. A questão toda era enfrentar positivamente e realisticamente a enorme pressão extrafísica e configurar espaço mental e base física para o trabalho de apoio dos amparadores envolvidos no projeto. Relato isto aqui não a título de cabotinismo, mas para mostrar aos colegas pesquisadores que não é necessário ter toda a vida intrafísica “organizada e resolvida” para depois se dedicar a escrever um livro. O primeiro livro pode se materializar agora, quaisquer sejam as circunstâncias nas quais você se encontre.

6. *Que balanço você pode fazer depois de milhares de livros vendidos? As suas expectativas foram atendidas? Alguma expectativa foi superada?*

Este livro é, sem dúvida, um “sucesso” dentro do contexto ainda bastante modesto das instituições conscienciocêntricas. Em apenas 10 meses foram feitas três impressões do livro. Tive também a oportunidade de itinerar em praticamente todas as cidades atendidas por algum centro educacional da Conscienciologia. Durante o período de 12 meses, foram realizados 54 eventos (entre palestras públicas gratuitas, cursos e lançamentos em livrarias) em 17 cidades (15 capitais). O número de conscins participantes nestes eventos ultrapassou o total de 2.500. Onde possível, foram realizadas participações em programas de rádio, TV e mídia impressa. Na internet, circulam várias entrevistas minhas sobre o livro. Apenas uma delas, no período de 1 ano, já ultrapassou a marca de 25 mil acessos (Data-base: abril de 2012). Contudo, honestamente falando, penso que poderíamos ter um alcance maior, caso nossas ações em prol das publicações conscienciológicas fossem mais bem sincronizadas. O trabalho de divulgação dos nossos livros ainda é muito tímido. Faz-se necessário maior investimento e profissionalização na área. Tenho a liberdade de dizer isto aqui, pois meu posicionamento é sempre proativo. Participo dos trabalhos da Editares no papel de conselheiro e discutimos tudo isto em grupo, visando endereçar estes desafios em algum momento possível. Algo que superou a minha expectativa foi a avalanche de agradecimentos recebidos dos

colegas conscienciólogos ao considerarem o livro uma “megagescon”. Estou consciente de que este livro tem, ao menos, uma contribuição preciosa a oferecer dentro do universo de pesquisas da Conscienciologia: o texto é uma exemplificação de como se realiza cosmoética destrutiva. Fatos e parafatos ligados ao fenômeno religioso são expostos racionalmente, em franco posicionamento tarístico, mas sem agressividade e revanchismo. É uma obra de paradidática e paradiplomacia. Contudo, além disto, são numerosos os colegas que fizeram questão de me comunicar sobre as reciclagens intraconscienciais motivadas pela leitura desta obra. As reações positivas ao curso “Descrenciologia” (com base no livro e doado à *Reaprendentia*), suscitou a necessidade da criação da oficina “Profilaxia da Posturas Religiosas”, cujo piloto foi realizado em outubro de 2011, durante a Semana de Parapedagogia promovida pela *Reaprendentia*. Esta oficina é oferecida exclusivamente aos voluntários e docentes da Conscienciologia e visa a identificação e desconstrução dos comportamentos e ideias religiosas ainda remanescentes em nossas práticas. Quanto ao público ainda não familiarizado com a Conscienciologia, as reações são as mais diversas. Já recebi várias ameaças e decretos de “condenação ao inferno”. Contudo, há também manifestações muito positivas, inclusive vários casos de leitores que se decidiram pela maxidissidência a partir da leitura deste livro.

7. *Você já identificou o perfil médio do seu leitor?*

Sim. O livro não se destina ao fanático religioso, nem ao ateu materialista, ambos condicionados por um dogmatismo radical e incapacitante. Em geral, o(a) leitora(a) deste livro é a consciência ainda ligada à doutrina e ao sentimento religioso, mas capaz de admitir algum grau de ceticismo em relação às ideias e práticas religiosas. Especialmente o leitor monoteísta, cujas experiências parapsíquicas contradizem as crenças recebidas na infância, mas continua perguntando se tudo isto não passa de loucura ou desvario. Para entregar o manuscrito à publicação, o meu critério foi o seguinte: se pudesse voltar 25 anos no tempo, o “frei” seria questionado de algum modo pelas proposições deste livro? A resposta foi um sonoro sim, e é por esta régua que mensuro os leitores.

8. *O que mudou na pessoa do Marcelo depois do livro publicado?*

Após sair da vida religiosa profissional, jamais hesitei um momento sequer a respeito desta escolha. Contudo, o livro publicado confere uma autoridade moral muito maior e materializa condições de assistência incomparavelmente mais amplas. Sou hoje, portanto, alguém muito mais seguro quanto ao papel de minipeça dentro do maximecanismo assistencial. Sinto-me também mais maduro quanto ao inevitável isolamento trazido por este nível de tarefa do esclarecimento. Tenho consciência de que o discurso deste livro é algo ainda extemporâneo em vista do oceano de conveniente credulidade, subinteligência fanática e anticosmoética sectária nas quais a vasta maioria do planeta está mergulhada. Isto gera um senso de individuação em relação à média das conscins, mas ao mesmo tempo, profunda afinidade com as consciências engajadas na tarefa do esclarecimento.

9. *Você tem algum planejamento autoral para as próximas décadas?*

Estou atento aos resultados e desdobramentos do trabalho feito com este primeiro livro. Certamente, tenho possibilidades de ampliar as discussões acerca da Descrenciologia em várias direções, especialmente a análise do fenômeno da crença dentro da ciência e da filosofia. Gostaria de estudar com mais detalhe a história do Humanismo Renascentista, quando filosofia, mística e ciência estavam mescladas dentro daquele momento de reação à tradição paralisante da Escolástica

Cristã. Penso que o nosso grupo tem muito a ver com esta fase da história da Europa. Por outro lado, tenho muito interesse em aprofundar pesquisas psicológicas, conscienciométricas e consciencioterápicas para estudar mais detalhadamente a paranatopia da consciência autorrepressora. Este é um desdobramento claro do trabalho começado em *Onde a Religião Termina?*

10. *Que orientações você daria para uma pessoa que pretende escrever o primeiro livro?*

Primeiro ponto: procure a orientação da Uniescon. Digo isto não pela necessidade de fazer “publicidade” para a IC, mas porque, de fato, o(a) autorando(a) vai encontrar, ali, oportunidades de esclarecer para si mesmo(a) os possíveis direcionamentos da primeira obra. Oferecemos, na Uniescon, a assessoria grafopensênica, momento no qual o(a) autorando(a) recebe a assistência pontual de dois autores dentro de um campo assistencial tecnicamente instalado para esta finalidade. O amparo extrafísico ligado a esta atividade é extraordinário. Eu aceitei a solicitação dos autores para me tornar Secretário Geral em razão de ter experimentado, nas várias vezes em que atuei como assessor, a tangibilidade deste tipo especial de amparo. Quanto a este ponto, é preciso que o(a) autorando(a) deixe de lado o orgulho e busque a heterocrítica indispensável à confecção de um trabalho bem feito. Por exemplo, enquanto escrevia *Onde a Religião Termina?* contei com a heterocrítica de 18 pesquisadores sérios da Conscienciologia. Vários autorandos(as) já se beneficiaram da assessoria prestada pela Uniescon. Entre os benefícios, está a possibilidade concreta de a pessoa se comprometer com um plano redacional exequível e autodefinir a própria rotina de trabalho. O segundo ponto é: escreva, escreva, escreva! Persista no trabalho contínuo! Conforme disse anteriormente, não fique sonhando com aquele momento em que todos os problemas mais sérios da sua vida estarão resolvidos e você estará finalmente pronto(a) para dedicar-se ao livro. Este momento provavelmente jamais chegará. O maior obstáculo é o nosso próprio autoassédio.

11. *Na função de Coordenador Geral da Uniescon, quais são os seus planos para a IC?*

Começamos esta gestão divulgando o lema: “Do verbete ao livro; do livro à megagescon”. O grande desafio da Uniescon hoje é sinalizar para a CCCI a prioridade quanto à escrita do livro. Este desafio se desdobra em dois tipos de esforços. O primeiro e mais fundamental esforço é o próprio motivo pelo qual a Uniescon foi criada: a união dos escritores da Conscienciologia. O livro conscienciológico não é mercadoria destinada ao entretenimento, obra estético-literária ou dissertação nos moldes engessados das academias. O autor ou autora no campo da Conscienciologia é um laboratório vivo, exposto, materializado das pesquisas relacionadas às verpons. Por esta razão, ele(a), uma vez publicado, não representa apenas a si mesmo(a), mas a comunidade de pesquisa, a Ciência conscienciológica aplicada. Com nossos livros, a Conscienciologia se torna pública, tangível neste plano intrafísico, acessível a conscins e consciexes. A responsabilidade é muito maior. Neste sentido, os escritores da Conscienciologia precisam se apoiar mutuamente a fim de qualificarem mais as pesquisas, os debates, os cursos e palestras itinerantes e as futuras publicações. Em especial, os escritores já publicados têm agora a responsabilidade de encaminharem-se para a redação de novos livros até a consecução da obra-prima, a qual possibilitará, além do autorrevezamento, a consolidação da Conscienciologia enquanto campo de conhecimento reconhecido. Assim, quanto a este ponto, a atual gestão já definiu duas megametras: a criação do Conselho de Autores e o Projeto de Desenvolvimento Megagescônico. O Conselho de Autores é uma instância destinada a favorecer o intercâmbio concreto dos escritores de livros conscienciológicos já publicados sobre todas as questões relacionadas

ao autorado. O projeto de Desenvolvimento Megagescônico visa auxiliar cada autor(a) na planificação das futuras obras. Será uma espécie de conscin-cobaia autoral. O segundo esforço diz respeito à assistência dos autorandos de primeira vez. Ampliaremos o alcance da assessoria e dos cursos hoje oferecidos pela Uniescon. Inauguramos, no dia 18 de março, a Dinâmica Parapsíquica Grafopensênica Ideativa. Esta dinâmica tem como público-alvo os autorandos de livro e os voluntários das ICs cujo materpensene é a grafopensenidade. O objetivo da dinâmica é favorecer o contato do(a) autorando(a) com o amparo extrafísico relacionado às obras em gestação. Dentro deste segundo tipo de esforço, temos também a responsabilidade de ampliar a comunicação da Uniescon com toda a CCCI, a fim de divulgar as atividades e oportunidades assistenciais proporcionadas pela instituição. Enfim, o escopo destas e várias outras ações empreendidas pela Uniescon é chamar a atenção de todos os intermissivistas para a responsabilidade quanto a uma das tarefas para as quais fomos preparados no Curso Intermissivo: a produção de livros tarísticos. Então, mãos à obra-prima!



Autores Associados da Uniescon em Dezembro de 2011:

- | | |
|-------------------------|---------------------------|
| 01. Alexandre Nonato | 17. Luciano Vicenzi |
| 02. Alexandre Zaslavsky | 18. Lucy Lutfi |
| 03. Antônio Pitaguari | 19. Mabel Teles |
| 04. Cirleine Couto | 20. Málu Balona |
| 05. Dalva Morem | 21. Marcelo da Luz |
| 06. Dulce Daou | 22. Maria Thereza Lacerda |
| 07. Filipe Colpo | 23. Marina Thomaz |
| 08. Flavia Rogick | 24. Maximiliano Haymann |
| 09. Graça Razera | 25. Moacir Gonçalves |
| 10. Jayme Pereira | 26. Nívea Melo |
| 11. Jean-Pierre Bastiou | 27. Rosemary Salles |
| 12. Julieta Mendonça | 28. Silda Dries |
| 13. Julio Almeida | 29. Silvia Muradás |
| 14. Kátia Arakaki | 30. Vera Hoffmann |
| 15. Lourdes Pinheiro | 31. Wagner Alegretti |
| 16. Luciana Ribeiro | 32. Waldo Vieira |

Nota: A definir a participação dos organizadores no quadro de associados da Uniescon.